

entrevista da semana

Dom Pedro Carlos Cipollini,  
Bispo diocesano de Santo André

# ‘O Grande ABC é um resumo do Brasil em todos os sentidos, com belezas e problemas’

EDUARDO VIEIRA DA COSTA  
eduardovieira@dgabc.com.br

Desde 2015 à frente da Diocese de Santo André, que nesta segunda-feira (22) completa 70 anos de existência, o bispo Dom Pedro Carlos Cipollini reconhece dificuldades, mas des-

taca que “o espírito solidário e participativo do Grande ABC é um bom sinal para o futuro”.

A missa solene de celebração do aniversário reuniu milhares de pessoas, ontem, no ginásio Poliesportivo, em São Bernardo. Apesar da grandza do evento, o bispo admite a redução dos cris-

tãos católicos na região – mas prefere exaltar a “consciência e participação” dos fiéis, além de elogiar o “pluralismo religioso”.

“A Igreja deve crescer por atração, não por proselitismo. Ou seja, as palavras convencem, mas é o exemplo que arrasta”, diz Dom Pedro.



RAIO X

Nome: Pedro Carlos Cipollini  
Idade: 72 anos  
Local de nascimento: Cacondo (SP)  
Formação: Doutorado em Teologia  
Hobby: Leitura  
Local predileto: Campos do Jordão  
Livro que recomenda: As Chaves do Reino, A. J. Cronin  
Personalidade que marcou sua vida: Cardeal Paulo Evaristo Arns  
Profissão: Religioso (bispo)  
Onde trabalha: Diocese de Santo André

Nestes 70 anos, a Diocese de Santo André sempre desempenhou papel de enorme relevância para as cidades da região, sendo que, graças às peculiaridades locais, pastorais como a do Migrante e a Operária foram grandes expoentes históricos. Hoje, com a situação social-geográfica modificada, quais são as áreas em que senhor vê maiores necessidades sociais e espirituais – e que paralelo poderia ser feito com a atuação histórica?

Há grande necessidade espiritual presente na sociedade, que é a busca de um sentido para a vida, a vida sem sentido é intolerável. A Igreja indica um sentido oferecendo o Evangelho, o conhecimento da salvação que Jesus Cristo traz. Esta missão evangelizadora deve ser acompanhada pela promoção social, pela atenção aos últimos da sociedade. A caridade sinaliza a chegada do Reino de Deus. Isto é feito de várias maneiras, mas em especial pelo Vicariato Episcopal para a Caridade Social, criado em 2018 como ação da Diocese voltada aos pobres.

Uma pesquisa da USCS encomendada pela Diocese mostrou que, da década de 1960 para o ano 2016, houve uma queda dos moradores da região que se declaram católicos, de 90,7% do total para 46,8%. Na ocasião, o senhor chegou a declarar que “a diversidade é bonita”. Hoje, como vê a situação do número de cristãos católicos e o crescimento de outras religiões? Existe uma estratégia de reconquista?

É verdade, a pesquisa foi encomendada por nós, para o Primeiro Sínodo Diocesano. Hoje vivemos numa sociedade de pluralismo religioso e não pensamos em “reconquistar” porque não queremos voltar ao sistema de religião única. Assim era no Brasil Colônia e Império, com mistura do poder político do Estado com religião. Diminuiu o número de católicos, mas a Igreja é mais bonita e dinâmica, porque há mais consciência e participação. A Igreja deve crescer por atração, não por proselitismo, ou seja, as palavras convencem, mas é o



“É vergonhoso como uma região tão rica como a nossa ainda permite, nem digo a pobreza, mas a miséria.”

exemplo que arrasta.

Nestes quase dez anos à frente da Diocese de Santo André, como o senhor avalia o Grande ABC, haja vista as diferenças para a região da Diocese de Amparo, onde realizou trabalho anterior?

O Grande ABC é uma região privilegiada, um resumo do Brasil em todos os sentidos, com belezas e problemas. Desde o início sempre me identifiquei e me dei bem com o povo daqui, que me acolheu de forma fraterna. Recebi a cidadania honorária de todos os sete municípios. Uma marca do povo do Grande ABC é a solidariedade. Por isso acredito que somos um laboratório do futuro. Escrevi um livro intitulado *Cidade Transfigurada: o futuro do mundo urbano passa pela solidariedade*, acredito nisso. Apesar das dificuldades que temos, o espírito solidário, participativo do Grande ABC, sua consciência de “pertença”, é um bom sinal para o futuro.

Por ocasião da nomeação,

em 2015, o senhor escreveu texto para o ‘Diário’ em que citou São Paulo, que, enviado para a cidade de Corinto e estando apreensivo, sentiu Deus dizer-lhe: “Não tenhas medo, nesta cidade há um povo numeroso que me pertence” (At 18,9). E finalizou o artigo com um recado que parecia um lembrete a si próprio: “Coragem!”. Hoje, como enxerga a visão que tinha da missão que iniciaria e que agora já tem quase uma década?

Realmente, diante do desafio de pastorear uma Igreja grande e famosa como a Diocese de Santo André, com sua história e dinamismo, precisei coragem, mas sobretudo de fé e oração. É sempre Deus que conduz e capacita os escolhidos. Isto deu-me confiança. Os desafios aqui não foram poucos, desde conhecer as pessoas e a realidade social na qual a Igreja está inserida até a urgência de se tomarem medidas como pagar dívida, reorganizar as estruturas internas e dinamizar a evangelização. Hoje olho para trás e agradeço a força que Deus me deu e as pessoas que me ajudaram, inclusive o *Diário* que me convidou para ser articulista.

Ao assumir a Diocese, o senhor declarou acreditar que o País vivia uma crise de valores, o que trazia como consequência a tendência de a população enxergar o corrupto como herói. Essa visão permanece nos dias hoje? Houve alguma evolução nas questões políticas nacionais em sua avaliação? E que papel a Igreja pode desempenhar nessa questão?

Sim, permanece, é verdade. Vivemos uma crise de valores provocada pelo predomínio do econômico, que leva ao consumismo desenfreado, o qual tem como consequência o vazio. Com o agravante da radicalização das posições. Evoluímos um pouco nas questões políticas nacionais, mas a passos lentos e com um Congresso muito focado em questões partidárias, na luta pelo poder e despreparado para ajudar a resolver as grandes questões que travam o desenvolvimento. Há um vazio de lideranças em geral na sociedade e também na política. É só

olhar o aumento dos moradores de rua, as mazelas na educação, para se ter uma ideia.

Uma das metas traçadas há cerca de dez anos era a de estar mais próximo tanto do clero, dos padres e das peculiaridades de cada paróquia, quanto de estar mais perto do povo, em áreas carentes e pobres. Como o senhor considera que estão esses objetivos hoje? Ainda há muito a alcançar?

De minha parte permanecem estes objetivos que em grande parte foram alcançados. Em 2016 escrevi uma Carta Pastoral para o clero intitulada *Amados no Senhor*. Tenho estado à disposição dos padres o tempo todo. Visito as paróquias e consigo visitar e celebrar a missa em todas as 255 comunidades da Diocese. Muitas das quais nunca tinham recebido a visita de um bispo. Visito as áreas carentes e pobres e em certos casos é vergonhoso como uma região tão rica como a nossa ainda permite, nem digo a pobreza, mas a miséria. Se faz muito, mas se poderia

fazer mais para minorar o sofrimento do povo.

No mesmo dia de sua posse, o senhor visitou um acampamento onde estavam funcionários então demitidos da GM, em São Caetano, num gesto que marcou logo de início sua gestão. O diagnóstico dado pelo senhor à época era de que a falta de moradia e o desemprego eram os principais problemas do Grande ABC. Quais seriam hoje?

Sim, é mesmo, o bispo deve estar presente nos lugares onde há aflição e sofrimento. Visitei também em Mauá lugares onde houve desluzamento com mortes que poderiam ser evitadas. Creio que a falta de moradia permanece, o desemprego diminuiu um pouco. Mas estão aí presentes como preocupações constantes as questões da segurança e da saúde. Nesta área da saúde, com plano de saúde você deve esperar horas, sem o plano, então, é um sacrifício. E olha que o SUS é uma coisa muito boa. Seria melhor com mais verba e melhor gestão.

O tema da violência frequentemente ganha o noticiário na região, e a todo momento surgem novas discussões sobre maioridade penal. Como o senhor avalia propostas de reduzir essa maioridade para 16 anos? E quais outros caminhos poderiam ser tomados?

A violência é uma consequência, e não causa. A causa é a miséria, a má distribuição de renda, a falta de oportunidade, a falta de um sistema educacional capaz de formar cidadãos. São os pecados sociais. A redução da maioridade não vai resolver, vai tirar das ruas os jovens pobres, sem emprego e oportunidade, para colocá-los na cadeia que, no Brasil, para as elites, é a solução para todos os problemas. Que tal aumentar o número de creches e escolas de tempo integral, ao invés de prisões?

Recentemente, o Vaticano anunciou que padres poderiam abençoar o casamento de casais do mesmo sexo. Antes, admitiu que transsexuais possam ser batizados, além de ser padrinhos e testemu-



“A Igreja desde sempre condenou o aborto como pecado do ponto de vista da fé religiosa.”

nhas de casamentos. Mas há bastante resistência na Igreja a questões consideradas “progressistas” do papa Francisco. Como o senhor enxerga esse caminho?

O papa disse que prefere uma Igreja sofrendo no trânsito do que uma Igreja trancada em casa, algo assim, para dizer que a Igreja deve ter o mesmo espírito de Jesus, acolher a todos. A acolhida, o olhar misericordioso vem primeiro. Jesus via primeiro o sofrimento da pessoa e só depois o pecado a ser perdoado, ou seja, a correção. Em outubro vai ser concluída em Roma a segunda etapa do Sínodo, da qual tomarei parte como um dos representantes dos bispos do Brasil. Esperamos que se abram perspectivas boas para a missão evangelizadora da Igreja na linha da acolhida e da missão, que aliás são as prioridades de nossa Diocese.

Também recentemente, Congresso Nacional e Supremo Tribunal Federal tiveram embates motivados pela legislação que trata de abortos no Brasil. Como o senhor avalia o tema dentro da realidade brasileira e da visão da Igreja?

O aborto é uma questão polêmica. A Igreja desde sempre condenou o aborto como pecado do ponto de vista da fé religiosa, e como um crime diante de Deus. A vida é um direito fundamental. Por que matar quem tem direito a viver? Para a doutrina cristã o feto é uma pessoa, está no útero materno, mas não é parte do corpo da mãe como propriedade sua. É uma vida fazendo moradia no corpo da mãe, o qual é a melhor proteção para a vida incipiente. Uma sociedade abortista está fadada à esterilidade – observe os países da Europa. Dois terços da população brasileira são contra o aborto, contra matar os filhos de baleia e contra violar os ovos de tartarugas.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

**Seção:** Política **Página:** 4